



A FORMAÇÃO DE UMA CRIANÇA MONSTRUOSA EM *THE BUTCHER BOY*, DE PATRICK McCABE

Bruno Rafael de Lima Vieira

Universidade Federal da Paraíba - UFPB bruno_rlv@hotmail.com

Resumo: A infância usualmente é pintada a partir de tons que a ligam a temas referentes à inocência. Contudo, na literatura gótica irlandesa, esta indumentária não cabe, pois, as crianças e sua infância passam a ser caçadas pelos traumas que atingem a história do país. A violência que assolou a Irlanda foi causada, em parte, como consequência direta da colonização britânica. Diante desse cenário, as crianças passaram a carregar consigo, na literatura gótica desse país, máculas do passado, e eram também frutos de famílias desestruturadas, reflexos de instituições falidas. Este trabalho busca investigar como o protagonista de *The Butcher Boy*, escrito por Patrick McCabe, 1992, personifica e lida com esses traumas. No romance, representante de um gênero gótico chamado *bog gothic*, acompanhamos a narração da infância de Francie Brady, criança traquina cujo mundo foi transformado pela chegada daquela a quem ele toma como arquirrival, a Sra. Nugent. No decorrer da trama, Francie vai aderindo ao mal e à violência, deixando os sofrimentos, a angústia e os traumas que rodeiam a sua sociedade serem expostos. No fim, o personagem se torna aquilo que pode ser enquadrado como um “monstro”. E a formação do menino liga-se, dessa forma, ao maligno. Na verdade, o desvelar desses sentimentos doentios ocorre pela estrutura social debilitada que a criança passa a mimetizar. Dessa forma, ainda analisaremos como o arco narrativo do romance mostra a metamorfose de Francie em um monstro. Assim, neste trabalho, tomamos como fonte teórica, dentre outros, Gladwin (2016), Cavallaro (2002), Eldred (2005), Ratte (2013).

Palavras-chave: The Butcher Boy; Patrick McCabe; Gótico; Literatura Irlandesa.

INTRODUÇÃO

Escrito em 1992, *The Butcher Boy* é um dos trabalhos mais importantes do autor irlandês Patrick McCabe. Foi com esse texto que o escrito ganhou fama internacional, recebendo alguns prêmios pela obra. Além disso, ainda em 1992, a narrativa foi levada aos palcos dos teatros com o título *Frank Pig Says Hello*. Já no ano de 1997, o texto foi transportado para o cinema, em uma adaptação, com o título homônimo ao romance.

Recorrentemente, encontramos nas obras de Patrick McCabe temas “duros”, como a violência, o mal, o macabro, entre outros. Além disso, os personagens centrais de seus textos apresentam algum traço de exclusão social e, muitos deles, mostram-se loucos e psicopatas. m.br





Para parte da crítica especializada, as obras do autor irlandês podem ser “classificadas” como parte de um subgênero gótico conhecido como *bog gothic*. (Gladwin, 2016)

Na realidade, *The Butcher Boy* seria o “maior” representante do *bog gothic*. O subgênero, dentre outras coisas, lida com questões que nos remetem ao gótico, como fica evidente em sua nomenclatura; com o pós-colonialismo; além dos traumas históricos da Irlanda. É importante salientar, que parte do gótico irlandês (*Irish Gothic*, em inglês) mimetiza, dentro de si, problemas do passado nacional. (ELDRED, 2005)

São traumas e dores que apresentam relações diretas com o violento passado colonial do país. A Irlanda, durante séculos, foi uma colônia britânica, na realidade, a primeira. Assim sendo, toda a violência empregada, nesse processo de apropriação, encontra um lugar de “fala” no gótico nacional. Nesse contexto, isto é, no gótico irlandês, usualmente, as crianças estão sentenciadas a carregarem os traumas históricos do país. Assim, elas refletem as dores e máculas de toda a nação, segundo Ratte (2013).

Em *The Butcher Boy* vemos esses traumas ganharem corpo de maneira latente. A narração do romance é feita por um Francie Brady adulto contando suas peraltices quando era criança, em uma pequena cidade irlandesa. Na ocasião, o personagem relembra suas desavenças com a Sra. Nugent, sua arqui-inimiga, e que, na mente do narrador, foi a única responsável por ele ter perdido todos que amava e transformado sua vida em caos.

METODOLOGIA

Diante disso, esse trabalho busca investigar como os traumas nacionais se expressam através da narração em *The Butcher Boy*, principalmente no personagem central, Francie. Além disso, temos como proposta analisar o arco-narrativo percorrido pelo protagonista, naquilo que se refere a construção do personagem enquanto “monstro”. A verdade é que, ao longo de sua jornada, Francie deixa de lado sua vestidura infantil e, cada vez mais, vai se transformando em uma criatura doentia e monstruosa. A “deformidade” do menino, no entanto, ocorre em sua mente, e é revelada através de símbolos presentes na obra e das ações do protagonista.

Dessa forma, tomamos como base teórica, dentre outros, Cavallaro (2002), Eldred (2005), Jeha (2007 e 2009) e Donald [et. al] (2000). Ainda é importante salientar que, mesmo





que estejamos trabalhamos com uma obra em inglês, no Brasil há uma versão do texto em português, com o título de *Nó na Garganta – The Butcher Boy*, traduzido por Lidia Cavalcante-Luther, sendo assim, nós nos utilizaremos da tradução para ilustrar determinadas passagens do texto que nos são relevantes.

DISCUSSÃO

Todo parágrafo de abertura de uma obra literária nos é rico em detalhes, ao mesmo tempo em que é revelador, pois nos mostra como aquele mundo ficcional será, de fato, construído e ornado. Em *The Butcher Boy*, isso não é diferente. Ao adentrarmos a narração conduzida por Francie, percebemos que o se relata não é um “terreno sólido”, onde podemos fincar nossos pés. Em outras palavras, o narrador não nos fornece elementos suficientes para que possamos confiar nas suas palavras.

Francie, no parágrafo de abertura, nos diz: “Quando eu era um cara jovem há vinte ou trinta ou quarenta anos... (McCABE, 1997, p. 9)”. A primeira coisa que emerge, além da evidente incerteza dos fatos, é a relação da história com o gótico, e no caso de *The Butcher Boy* com o *bog gothic*. O subgênero gótico herda muitas características do meio ambiente irlandês, em especial os *bogs*.

Os pântanos se constituem como terrenos encharcados, dúbios, que não nos dão certeza de sua estabilidade. Sua topografia não é constituída nem de terrenos sólidos nem de zonas totalmente aquíferas. Assim, poderíamos classificar esses locais como uma região “*blur*”. Essas vacilações do ecossistema, por sua vez, acabam dotando o subgênero, dando forma a “narrativas incertas”.

Ou seja, no parágrafo de abertura do romance, não temos a certeza de quando, de fato, esses eventos narrados por Francie transcorreram. Mas não é só isso, as palavras do narrador se tornam mais confusas e impregnadas em dúvidas assim que a trama se desenvolve. O sentimento de confusão e turvamento narrativo repete muito do que vemos em diversos românticos góticos, quando os personagens não sabem o que se encontra diante de si, ou vacilam com o que presenciam e sentem, por exemplo.

Além disso, em *The Butcher Boy*, essa hesitação é potencializada pela “sombra” dos *bogs* que circundam a obra. Na verdade, os pântanos funcionam como se fossem um





fantasma, “assombrando” constante a história. Mesmo que esse ecossistema não esteja fazendo parte diretamente do cenário da obra, em alguns momentos, seus sentimentos macabros e góticos estão rondando a narração, e nos fazendo “tropeçar” naquilo que se entende como “verdade”. Gladwin (2016) diz:

O bog é invocado quase como um fantasma assombrando os personagens, mas a aparição é raramente vista ou reconhecida na página do texto; é gravada principalmente em nossa imaginação de ser por causa do ‘afeto’ que criou em uma história da literatura irlandesa incorporando pântanos.

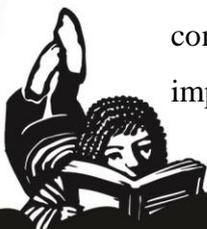
(p.213-214)

Porém, as engrenagens da trama só começam, de fato, a se moverem quando Francie toma para si alguns gibis de Philip. A ação “simples” do menino acaba ganhando contornos perversos e macabro, principalmente, após sua família ser violentada verbalmente pela Sra. Nugent, que está irada com o roubo dos gibis do seu filho, a mulher chama os Brady de “Porcos”, “(...) a última coisa que ouvi foi Nugent descendo o beco e resmungando *Porcos – claro que toda cidade sabe disso!*” (itálico no original) (McCABE, 1997, p. 12).

A fala da personagem nos deixa ver problemas que se espriam para um contexto maior, ou seja, a Sra. Nugent ao chamar os Brady de “porcos”, acaba acordando velhas feridas existentes entre os irlandeses e os ingleses. A mulher é irlandesa, mas havia passado muito tempo na Inglaterra. Com isso, a personagem adquire os hábitos e contornos de “colonizadora”, não se reconhecendo mais como “irlandesa”. Francie e seus pais, por outro lado, são os “colonizados”, sujos, subalternos, “típicos irlandeses”. Inclusive, alguns autores e críticos dizem que a Irlanda, durante muito tempo, foi conhecida como “ilha dos porcos” pelos ingleses

O xingamento da mulher desperta, em um primeiro momento, velhos traumas em Francie. O menino passa a sentir as máculas e dores que abateram o país. A Irlanda tem um passado colonial banhado em sangue e violência. Se tornamos como referência apenas parte do século XIX e o século XX, é possível perceber como esse enredamento violento era uma realidade constante para os irlandeses.

Possivelmente, o evento mais dolorido e catastrófico da história recente da Irlanda é a Grande Fome, ocorrida por volta de 1840, que teria matado quase dois milhões de irlandeses e contribuído, de maneira decisiva, para a saída de outros milhões, nos anos seguintes. O império britânico é acusado de ter ignorado a difícil situação na Irlanda, na época





VII ENLIJE

Outro grave momento de violência tomou forma durante o *Easter Rising* (1916), uma revolução de caráter republicano, que foi reprimida com muita violência pelo Império Britânico. O evento terminou com cerca de centenas de mortos e parte da capital irlandesa, Dublin, destruída. Entre 1919 e 1921, a violência ganhou corpo novamente em uma guerra conhecida como *Anglo-Irish War*. Em seguida, entre 1922 e 1923, o país se abalaria com uma guerra civil, o evento ficou conhecido como *Irish Civil War*.

Após a independência, em meados de 1920, o norte do país seguiu ligado ao Império Britânico; o sul, por sua vez, foi tornado um país independente. Na Irlanda do Norte, em 1960, eventos graves e violentos, conhecidos como *The Troubles*, voltaram a assustar toda a ilha. Isto é, mesmo que os acontecimentos tivessem se desenrolado no norte, a violência amedrontou também o sul.

A colonização e a violência contribuíram para tornar a Irlanda um país “gótico”, assustado constantemente com traumas, de acordo com Gladwin (2016). E as crianças acabam personificando, alegoricamente, esses eventos. Elas estão assombradas pela história e pelas instituições irlandesas, em certo sentido, falidas e marcadas pelos acontecimentos que violentaram o terreno nacional. (RATTE, 2013)

O xingamento da Sra. Nugent ainda contribuiu por despertar a violência que ronda a Irlanda em Francie, de maneira alegórica. O menino, irritado e envergonhado por ter sido chamado de “porco”, começa a buscar maneiras de eliminar a mulher de sua vida para que a realidade que ele vivia no passado, com brincadeiras e aventuras ao lado de Joe, possa ser reestabelecida. A partir disso, o protagonista começa a se “metamorfosar” em um monstro.

Contudo, como indicamos, Francie não é como aquelas figuras monstruosas que habitam, usualmente, o consciente coletivo. Ele não é um ser disforme com características que remetem a ojeriza, ao feio e ao grotesco. Pelo contrário, no romance, nós não encontramos informações que remetam a qualquer traço de “feiúra” em Francie. Na verdade, o personagem se torna um monstro em seu psicológico e através de suas ações.

Na realidade, o monstro não é apenas uma criatura “disforme” no sentido físico. Asma (2009) nos deixa ver essa face do monstruoso ao dizer que: “O termo monstro é frequentemente aplicado a seres humanos que, por suas próprias ações horríveis, abdicaram de sua humanidade” (p. 8).





VII ENLIJE

Há várias definições para o que seria um “monstro”. Assim, decidimos, nesse trabalho, tomar aquela que trata da rebentação dos limites. Isto é, o monstro seria aquele que romperia as barreiras sociais; um desviante; ou seja, um “outro” no seio de sua comunidade. Essa rebentação diz respeito, dentre outras coisas, a crimes cometidos por um indivíduo; ou a comportamentos diferentes que um alguém apresente; ou até mesmo a um pensamento que não seja o mesmo dos demais. (JEHA 2007;2009)

Donald [et al.] (2000) assinala que o monstro é a diferença feita carne, que moraria em nosso meio. Além disso, o monstro seria uma incorporação de fora, do além (p. 32). Assim, o monstro vai ser sempre uma figura “ímpar”, que não segue o “padrão” vigente de comportamento social.

[...] o monstro pode ser visto como um ponto de vista, mas também como o exercício de um poder desmedido; uma deformação, mas também uma lembrança de que o homem possui limites e limitações. (...) A transgressão das fronteiras, ou dos limites estabelecidos por um determinado grupo, quer sejam abstratos ou concretos, causaria, [...] desconforto e estranhamento que requereriam um retorno a um estado considerado certo. O monstro seria, dessa forma, um artifício para rotular as infrações desses limites sociais.

(JEHA, 2009, p.7)

Francie começa a romper limites através do uso da violência, que se torna um elemento corriqueiro na trama, quase banal. O menino vai se tornando mais agressivo e bruto com o desenrolar da narração, esse traço passa a ser uma característica frequente em seu dia a dia. Por exemplo, buscando vingança, Francie convida Philip Nugent até um galinheiro para ver uns gibis de heróis americanos. Lá, sozinhos, o protagonista ataca o filho da Sra. Nugent, que escapa por pouco.

Inclusive, é por causa da violência que Joe desfaz seus laços com Francie. O melhor amigo do protagonista, vendo o lado maléfico do protagonista aflorar, decide romper os laços de amizade que os unia e vai, aos poucos, o abandonando, como fica implícito. A ruptura na amizade se torna um ponto de transformação na vida de Francie, que se sente cada vez mais um “diferente”.

Mas não é só pelo amigo que Francie se vê abandonado, outros personagens, por diversas razões, deixam o menino para trás.

Fui até o rio estava cheio quase transbordando dava para ficar olhos nos olhos com os peixes. Eu estava tremendo com o frio e a umidade. Arranquei o capim da beirada do rio e contei as pessoas que me abandonaram até agora.

(85) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

1. Papai
2. Mamãe
3. Alo
4. Joe

Quando eu falei Joe de repente comecei a rir. Porra! exclamei, como Joe pode ter me abandonado! Como caralho Joe tinha me abandonado! Essa era boa.

(McCABE, 1997, 184)

Assim, abonado e objeto de exclusão por parte dos outros personagens de sua cidade, principalmente por parte da Sra. Nugent, Francie começa a se assemelhar mais e mais a um monstro, com características que lembram um porco. Na verdade, o menino toma o xingamento da sua inimiga para si e adere a selvageria do animal. A única pessoa que oferece ajuda ao narrado é um açougueiro da cidade chamado Leddy.

No trabalho, Francie aprende a “arte” de matar e esquartejar suínos, e se torna, de vez, o “*butcher boy*”. Durante a narração do romance, alguns símbolos se mostram indicativos dessa transformação pela qual Francie vem passando. Além da já citada violência, aparecem de maneira mais recorrente na trama, a escuridão; o cheiro de podre; as moscas, inseto que é relacionado ao mal e ao maléfico. (Cavallaro, 2002)

Duas passagens do romance de McCabe mostram de maneira latente como Francie se metamorfoseou ao longo da narrativa. A primeira se passa logo no início do texto, quando Francie ainda brincava pelas ruas de sua cidade ao lado de Joe. O lado inocente e pueril do menino fica evidente.

Eu podia ouvir o ruído de um avião bem longe. Uma vez estávamos parados no beco atrás das casas, cobrindo os olhos contra o sol e Joe disse: Você viu aquele avião, Francie? Respondi que sim. Era um minúsculo pássaro de prata na distância. O que quero saber é isso, ele disse, como conseguem fazer um homem ficar tão pequeno para caber nele? Eu disse que não sabia. Não sabia muito de aviões naquela época.

(McCABE, 1997, p.10)

Já a segunda, no fim do romance, mostra um Francie já transformado. A citação em questão revela um personagem marcado com aquilo lhe ocorreu, ou seja, a violência, o abandono, os traumas e as máculas. A passagem mostra a violência aflorar em Francie:

(...) eu bati à porta de dona Nugent e ela saiu com seu avental caseiro azul. Olá dona Nugent, eu disse, seu Nugent está em casa? Tenho um recado para ele do seu Leddy [o açougueiro] (...).
[Ele entra na casa da Sra. Nugent...]

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

Tranquei a porta à chave atrás de mim. Seu rosto era uma máscara branca nas suas mãos e sua boca um “ó” minúsculo (...) Agarrei-a pelo pescoço e disse: Fez duas coisas ruins dona Nugent (...) Levantei-a do chão com uma mão e com a pistola na outra puxei o gatilho no meio de sua testa *tlot* foi o ruído que fez (...) Se você perguntar às pessoas como se mata um porco elas dizem corte a garganta dele na horizontal mas não é assim que se faz o corte deve ser vertical. Depois ela ficou lá com o queixo para cima e eu a abri e depois enfiei minha mão no seu estômago e escrevi PORCOS por todas as paredes no quarto do andar de cima.

A citação, além de mostrar os atos “bárbaros” do protagonista, nos deixa ver a apoteose final do personagem, ele é um monstro. Na sua cabeça, ele imaginava que Sra. Nugent precisava ser eliminada para que a sua vida, de alguma forma, retornasse a ser como antes, e as pessoas que ele tanto amava estivessem ao seu lado mais uma vez, como apontamos. Francie acreditava que precisava aniquilar sua inimiga, era o único jeito. Contudo, isso não é mais possível, o menino rompeu todos os limites aceitáveis, inclusive o do sagrado.

Isto é, o sangue representa, para diversas culturas, o sagrado. O líquido, uma das fontes da vida, serve para curar, além de ser sinal de transformação. Contudo, o sangue de uma vítima de assassinato, não carrega aspectos positivos, pelo contrário, é uma nódoa, um elemento de denúncia de sua transgressão. E quem cometeu o crime, torna-se, por sua vez, uma criatura impura. Francie, simbolicamente, não faz mais parte do nosso mundo, ele cruzou limites sociais, morais e religiosos. O personagem passa a habitar, simbolicamente, o mundo do “mal”.

RESULTADOS

A formação do monstruoso em *The Butcher Boy* lida com o social e o histórico. Ao acompanharmos o caminhar de Francie para seu destino final podemos, por uma determinada perspectiva, observar o caminho que a própria Irlanda tomou quando buscou sua independência política. Nesse caso, o protagonista, que nos narra suas ações no romance, poderia representar o próprio corpo da nação irlandesa, que é violentado e marcado por máculas.

O menino, ao buscar ajuda, não encontra ninguém ao seu lado que lhe estenda a mão, pelo contrário, todos na cidade o abandonam. Ele se torna uma espécie de *persona non grata*.





VII ENLIJE

A recusa em ajudar o personagem é reflexo de uma sociedade, que durante algum tempo, principalmente no início dos anos pós- independência, viu suas instituições falirem, ao menos de uma perspectiva simbólica. O riso do personagem ao lembrar daqueles que se foram, não é um gesto de alívio, mas de dor, na verdade, é um riso deformado de uma criança que não tem mais nada ao seu lado, a não ser a violência.

REFERÊNCIAS

ASMA, S. T. *On Monsters* an unnatural history of our worst fears. New York & Oxford: Oxford University Press, 2009.

CAVALLARO, D. *The gothic vision: three centuries of horror, terror and fear*. New York: Continuum, 2002.

DONALD, J.; GIL, J; HUNTER, I.; COHEN, J.J.; SILVA, T.T. (Orgs) *Pedagogia dos Monstros* os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ELDRED, L.G. *A Brutalized Culture: the Horror Genre in Contemporary Irish Literature*. Tese (Doutorado em Philosophy in English). University of North Carolina at Chapel Hill, 2005.

GLADWIN, D. *Contentious Terrains: Bogland, Ireland, Postcolonial Gothic*. Cork: Cork University Press, 2016.

JEHA, J. (Org.) *Monstros e Monstruosidades na Literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

JEHA, J. NASCIMENTO, L. (Orgs.) *Da Fabricação dos monstros*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

McCABE, P. *The Butcher Boy*. London: Picador, 1992.

_____. *Nó na Garganta – The Butcher Boy*. Trad. Lidia Cavalcante-Luther. São Paulo: Geração Editorial: São Paulo, 1997.

RATTE, K. *Representations of Gothic Children in Contemporary Irish Literature: A Search for Identity in Patrick McCabe's The Butcher Boy, Seamus Deane's Reading In The Dark, and Anna Burns'No Bones*. Texto para: Honors in the Major Program in English Literature. University of Central Florida Orlando, Florida, 2013.

